

## O gênero morfológico do substantivo cal

*The morphological gender in the Portuguese noun cal*

Milena Guirelli TRINDADE (USP/FAPESP)  
[mlenagt@usp.br](mailto:mlenagt@usp.br)

Recebido em: 03 de ago. de 2022.  
Aceito em: 10 de ago. de 2022.

TRINDADE, Milena Guirelli. O gênero morfológico do substantivo cal. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 2, e2508, p. 117-126, maio-ago./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-22508.

**Resumo:** O objetivo do presente artigo consiste em investigar o fenômeno do gênero morfológico do substantivo *cal*, que frequentemente é tomado como pertencente ao feminino pelas gramáticas, ao passo que costuma ser empregado tanto no feminino quanto no masculino pelos falantes de português. Desse modo, uma vez que *cal* consiste em uma das poucas exceções de palavras terminadas em *-l* que não são masculinas (SAID ALI, 1923, p. 63), realizamos uma análise diacrônica para verificar as motivações para a oscilação de gênero desse vocábulo. Para isso, consideramos as definições de hesitação e mudança de gênero formuladas por Gouveia (2005) e investigamos a palavra desde a sua correspondente no grego antigo e no latim, nos baseando em autores como Bailly (1950) e Gaffiot (1934), além de verificar como se deu a fixação de gênero desse item lexical em outras línguas românicas, como o espanhol e o galego.

**Palavras-chave:** Gênero morfológico. Hesitação de gênero. Língua portuguesa. Terminações.

**Abstract:** The present article seeks to investigate the phenomenon of the morphological gender in the Portuguese noun *cal*, which is often considered as feminine by grammars, while it is generally used both as feminine and as masculine by Portuguese speakers. Thus, since *cal* is one of the few exceptions of words ending in *-l* that are not masculine (SAID ALI, 1923, p. 63), we analyzed diachronically in order to verify the motivations for the grammatical gender oscillation in this word. Thereby, we considered the definitions of grammatical gender oscillation and change formulated by Gouveia (2005) and we investigated the word since its correspondent in ancient Greek and Latin, based on authors such as Bailly (1950) and Gaffiot (1934). Furthermore, we also verified how the gender of this lexical item was fixed in other Romance languages, such as Spanish and Galician.

**Keywords:** Morphological gender. Grammatical gender oscillation. Portuguese language. Word endings.

## Introdução

O gênero na língua portuguesa é uma categoria complexa, visto que pode se manifestar de diferentes maneiras dependendo do item lexical. Há palavras em que o gênero indica sexo biológico ou gênero identitário, ainda que isso não se aplique a todos os vocábulos que denominam entidades sexuadas. Por exemplo, em palavras cujo gênero se flexiona – como *amigo/amiga* –, ele se relaciona com o referente, indicando se é de um homem ou mulher que se trata; já em vocábulos denominados de *comuns de dois* – como *estudante* –, uma mesma forma é empregada tanto para indivíduos masculinos quanto para femininos e o gênero é discernido apenas pela sintaxe; por sua vez, há substantivos chamados de *sobrecomuns*, que dispõem de uma mesma forma e um só gênero para ambos os sexos/gêneros identitários, como é o caso de *criança* e *cônjuge*, que pertencem ao gênero gramatical feminino e masculino, respectivamente, mas podem se referir a indivíduos de qualquer um dos gêneros; por fim, há os *epicenos*, em que a distinção é realizada pelo acréscimo das palavras *macho* ou *fêmea*, sendo portanto mais um caso de gênero manifestado pela sintaxe.

No entanto, ainda há uma grande parte de substantivos que não é contemplada pelas observações expostas acima: de acordo com Rocha (1994, p. 33), na maior parte dos substantivos da língua portuguesa, a marcação de gênero é apenas gramatical, ou seja, não há algo na referência desses vocábulos que indique gênero. Assim, a marcação dessa categoria nesses itens costuma ser vista como arbitrária e apenas como um componente morfossintático. Todavia é possível encontrar algumas motivações de gênero nesses itens, inclusive algumas que dialogam de forma mais estreita com a morfologia.

É evidente para um falante de português que a terminação *-a* parece indicar feminino, ao passo que *-o* indica masculino; entretanto, a relação terminação-gênero também se estabelece em outros casos, como já observaram diversos autores (BARBOZA, 1822; LEONI, 1858; SAID ALI, 1923). Entre esses autores, destacamos Said Ali (1923, p. 63), que associa a terminação *-l* ao gênero masculino, porém aponta algumas exceções: (i) substantivos de origem adjetiva formados pelo sufixo *-al*, como *capital* e *vertical*; (ii) as palavras *cal* e *moral*. Contudo, a palavra *cal* em específico se mostra um caso interessante, visto que apesar da palavra ser dada como feminina pela gramática normativa, é comum ser empregada no masculino pelos falantes, sendo portanto uma palavra de **gênero hesitante**.

Neste artigo, exploramos a noção do gênero morfológico na língua portuguesa e a relação terminação-gênero e esmiuçamos dois conceitos importantes para a análise realizada: hesitação e mudança de gênero. Por fim, esta pesquisa investiga o gênero morfológico do substantivo *cal*, com o propósito de indicar as motivações do fenômeno da vacilação de gênero nesse vocábulo no português brasileiro.

## O gênero morfológico e as terminações em língua portuguesa

119

Em princípio, faz-se necessário distinguir duas noções de gênero na língua portuguesa: (i) *gênero referencial*; (ii) *gênero puramente morfológico*. A primeira está presente em palavras em que o sexo ou gênero identitário do referente se coincide com o gênero gramatical, como é o caso de *amigo*, *atriz* e *cachorra*. Por outro lado, em itens lexicais com gênero puramente morfológico, há informação gramatical, mas não referencial, pois nada de específico na referência desses vocábulos indica gênero, como ocorre em *lápis*, *mão*, *pedra* etc. Cabe destacar que todas as palavras dispõem do gênero morfológico, mas nem todas têm gênero referencial; por isso, optamos por chamar de palavras dotadas de gênero *puramente morfológico* aquelas que têm apenas o primeiro.

Em substantivos não sexuais, é possível analisar a marcação de gênero a partir das suas terminações, num enfoque que se relaciona com a morfologia. Entre os autores que já observaram essa associação, destacamos Said Ali (1923, p. 61-66) e seus índices morfológicos<sup>1</sup>, que associam as seguintes terminações a cada um dos gêneros:

<sup>1</sup> De acordo com Viaro (2018, p. 20), as terminações são dotadas de significado, embora não simbolizem nada, sendo, portanto, índices de algo: “o seu significado é de outra ordem, pois provém da aquisição e passam sem interpretação nenhuma pela referência alojando-se no significado, onde juntamente com um significante, forma uma unidade que compõe um paradigma”.

**Masculinos:** -o átono; -*ema*; -*oma*; -*grama*; oxítonos em -*á*, -*é*, -*i*, -*ó*, -*u*; terminados em ditongo puro; oxítonos em -*em*, -*im*, -*om*; -*men* átono; termos científicos em -*en* átono; -*um*; concretos em -*ão*; -*r*; -*l*; oxítonos em -*az*, -*iz*, -*oz* e -*uz*; paroxítonos em -*s* e -*x*; -*ate*, -*ete*, -*ote* e -*ite*; concretos em -*ude*; -*arte* e -*orte*; -*ante*, -*ente*, -*onte*.

**Femininos:** -*a*; -*dem* e -*gem* átonos; -*ão*, se abstratos; -*ade*, -*ude*, -*ice*; -*ie*; -*ede*, -*ide*, -*ave*, -*ebe*, -*eve*; -*ase*, -*asse*, -*ace*, -*ese*, -*ece*, -*esse*, -*ose*; além de exceções às regras do masculino.

**Outros casos:** Algumas terminações, como -*ã* e -*e* são associadas a ambos os gêneros, ainda que seja observada uma sutil predominância em algumas ocorrências.

Com base nas considerações de Said Ali (1923), foi realizada uma análise para verificar como se dá a relação terminação-gênero em palavras com final -*l* que não designam entes sexuais. De acordo com o autor, substantivos terminados em -*l* tendem a pertencer ao gênero masculino e a maioria das exceções consistem em substantivos de origem adjetiva, cujo gênero pode ser explicado através do hiperônimo subentendido, como em (*igreja*) *catedral* e (*cidade*) *capital*. Além desse tipo de exceção, Said Ali (1923, p. 63) também destaca as palavras *cal* e *moral*, mas não apresenta uma possível motivação que explique o feminino atribuído a elas.

O item *cal*, em específico, consiste em um caso de gênero hesitante: ainda que a gramática normativa estabeleça que pertence ao feminino, ele é empregado em ambos os gêneros pelos falantes. Tendo em vista esse descompasso entre norma e uso, sugerimos que o vasto paradigma de palavras masculinas em -*l* é capaz de colaborar para que *cal* também seja empregada pelos falantes no masculino, contrariando os gramáticos. Entretanto, faz-se necessário uma análise diacrônica para verificar essa e outras possibilidades.

### Hesitação e mudança de gênero

Antes de realizar a análise diacrônica sobre o item *cal*, é interessante estabelecer dois conceitos importantes: a hesitação e a mudança de gênero. A hesitação (ou vacilação) se refere aos substantivos sem gênero fixado e que podem variar de acordo com o falante, enquanto a mudança diz respeito às palavras que alteraram seu gênero ao longo da história da língua.

Nem todos os substantivos da língua portuguesa têm o gênero fixo, sendo ele definido pelo uso dos falantes. Conforme Gouveia (2005, p. 527), tanto antigamente quanto na atualidade encontramos hesitações de gênero, o que sugere que essa categoria estaria de certo modo num período de transição. Ainda que durante a passagem do português antigo para o português atual tenha ocorrido a fixação de substantivos de diversas terminações, o fenômeno da hesitação ainda é notório, presente em itens como *alface* e *cal*, ora empregados como masculinos, ora como femininos. Assim, após analisar as mudanças ocorridas durante o período mencionado, observamos que algumas tendências encontradas nessa transição, como a influência da terminação e a analogia, continuam se manifestando na categoria, “numa clara evidência da continuidade e do poder criador do falante na evolução de qualquer língua viva” (GOUVEIA, 2005, p. 540).

Em relação à mudança de gênero ao longo da história, destacamos os seguintes casos:

- quando uma palavra leva algum tempo para fixar seu gênero, isto é, passando de vacilante para só masculino ou só feminino, como ocorreu com vocábulos como *planeta* e *tribo* (SAID ALI, 1931, p. 65–66), outrora hesitantes e hoje masculino e feminino, respectivamente;
- quando um item lexical, pertencente a um gênero, passa a ser empregado de forma ampla em outro, como ocorreu com *mapa* e *catástrofe* (SAID ALI, 1931, p. 66), o primeiro passando do feminino para o masculino e o segundo o inverso;
- quando vocábulos alteram sua significação e consequentemente seu gênero, como ocorre em palavras masculinas que designavam apenas homens, mas que devido a uma alteração social passaram a poder designar mulheres também, sendo permitido, inclusive, a oscilação na flexão de gênero, como é o caso de *presidente/presidenta*;
- quando um item, na passagem de uma língua para outra, modifica seu gênero.

Dessa maneira, constatamos que a hesitação de gênero é um fenômeno de natureza sincrônica, enquanto a mudança é diacrônica. Esses dois conceitos devem ser considerados ao analisar o gênero da palavra *cal*, isto é, tanto as possíveis mudanças ao longo do tempo, quanto seu funcionamento em cada uma das sincronias possíveis.

## O gênero morfológico do substantivo *cal*

Entre os casos de hesitação de gênero, destaca-se a palavra *cal*. Apesar de ser utilizada também no masculino no cotidiano, trata-se de um substantivo feminino, de acordo com a gramática normativa. Desse modo, é comum que os falantes de português brasileiro empreguem *cal* ora no masculino ora no feminino, o que fortalece a ideia de que a atribuição de gênero, nesse caso, é normativizada por uma imposição gramatical. A seguir, listamos alguns exemplos de ocorrências desse item no masculino, retiradas do *Twitter*<sup>2</sup>. Nesses casos, o gênero é explicitado através de outros elementos no masculino, como  *muito*, *pouco*, *algum* e *vivo*, que devem concordar com o gênero de *cal* empregado.

- (1) A agua daqui tem **muito cal** e magnésio e a cidade cheira a mofo e esgoto
- (2) Já morreu, está a 7 palmos e com **muito pouco cal**...
- (3) Com apenas uma janela no teto, os presos começaram a gritar desesperados por água e ar. Em resposta, receberam tiros de baioneta e os soldados em seguida jogaram **cal vivo** no porão levando todos a uma morte pavorosa depois de algumas horas.
- (4) Tenho **algum cal**.

A consulta à palavra *calx* – que deu origem a *cal* – no *Dictionnaire Illustré Latin-Français* (GAFFIOT, 1934, p. 249), mostra que este item lexical consta como pertencente ao gênero feminino, mas o que chama a atenção é uma indicação de que ele também ocorria no masculino, ainda que fosse mais raro. O item *calx* no masculino é utilizado por Varrão (116 a.C. – 27 a.C.), Catão (fim do século III a.C. – início do século II a.C.), Fortunato (século VI) e Isidoro (século VI – VII), sendo os dois primeiros autores do período pré-clássico e os dois últimos do pós-clássico, havendo uma lacuna durante o clássico, em que o uso masculino não se encontra. Isto posto, é possível que, ainda que *calx* fosse utilizada com maior frequência no feminino, fosse de fato um vocábulo de gênero vacilante há muito tempo e, portanto, faz-se pertinente analisarmos mais a fundo esse fenômeno, em busca de sua origem.

Ainda consoante Gaffiot (1934, p. 249), a palavra latina *calx* com o significado de “cal” se trata de um empréstimo do grego antigo

<sup>2</sup> Com o intuito de manter a privacidade dos autores dos tuítes, optamos por não indicar o endereço das postagens. Todavia todos eles são públicos e podem ser consultados através de uma busca simples no *Twitter*.



*khálik*s (χάλιξ), item que já dispunha de dois gêneros (BAILLY, 1950, p. 2117). Nesse sentido, levantamos a hipótese de que a oscilação de gênero nessa palavra sempre esteve presente e passou do grego antigo para o latim, mas em algum momento optou-se por valorizar o feminino e estabelecê-lo como o uso correto, de acordo com a gramática normativa. Tendo em mente que há uma lacuna durante o período clássico de usos de *calx* no masculino, sugerimos que essa imposição tenha ocorrido, num primeiro momento, durante essa época. Todavia, após esse período ainda há ocorrências de *calx* no masculino, ou seja, não houve a fixação do gênero feminino, o que explica o fenômeno da oscilação desse vocábulo ser encontrado no português e talvez em outras línguas românicas também.

No espanhol, a palavra *cal* foi documentada pela primeira vez no século XIII, mais especificamente em 1258 (COROMINAS, 1954, p. 578)<sup>3</sup>, e também é feminina, assim como o item lexical *calç*, do catalão (MARTÍ, 1993). Em contrapartida, no galego, *cal* pertence ao masculino (ANLLO, 2009, s.v. *cal*). Contudo, tendo em visto o histórico de oscilação deste vocábulo, muito provavelmente o gênero indicado pelos dicionários consultados leva em consideração a normatização realizada por gramáticos de cada uma das línguas; no espanhol, no catalão e no português, optou-se pelo feminino, enquanto no galego a forma masculina foi valorizada. Em suma, temos línguas muito próximas que tentaram normatizar o gênero oscilante de uma palavra em específico, o que não ocorreu da mesma maneira em todas elas, ainda que haja uma tendência pelo feminino – o que pode ter se dado por influência da primeira tentativa de fixação, ocorrida no latim; no entanto, do mesmo modo que percebemos no português atual, é muito provável que a oscilação do gênero de *cal* ainda esteja presente nos idiomas mencionados.

Entretanto, cabe mais um questionamento: como as gramáticas do português lidam com o gênero de *cal* e quando optou-se pela normatização do gênero da palavra com o feminino?

Em sua gramática, Argote (1725, p. 181) nega a existência de substantivos de “gênero incerto” na língua portuguesa, que ele define como “aquelle a que huns fazem masculino, outros feminino, assim

<sup>3</sup> No verbete de Corominas, não aparece informação sobre gênero da palavra *cal*, mas há algumas informações relevantes e instigantes acerca do vocábulo. Além de indicar a data da primeira ocorrência do item, ele propõe a distinção entre o latim *calx* “calcanhar” e *cals* “cal”; com base no gramático do século II Flavio Capro, ele sugere que *cal* em português e em espanhol derivam-se de *cals*, enquanto em catalão, francês, italiano e occitano derivam-se de *calx*.

como *Fim*, a que na Província do Minho a gente vulgar faz feminino, e diz *A fim*, a gente polida masculino, *O fim*, e he como se deve dizer” (grifo do autor). Nesse excerto, não só notamos que tal noção corresponde à de hesitação de gênero exposta por esta pesquisa, mas também que Argote adota um ponto de vista normativo, impondo a existência de uma forma correta para cada palavra, mas reconhece que na linguagem popular é comum que ocorra esse fenômeno.

Ao consultarmos gramáticas como a de Transtagano (1768, p. 13), Lobato (1770, p. 60) e Souza (1804, p. 36), Barboza (1822, pp. 128-129) notamos que a relação entre terminação e gênero é discutida e o final em *-l* (ou *-al*) é associado ao masculino, sendo a única exceção à regra mencionada a palavra *cal*, apresentada como feminina. Cabe destacar que nessas obras não é abordada a possibilidade de hesitação de gênero quanto a esse vocábulo, o que não significa que esse fenômeno não ocorria, mas que havia, desde pelo menos o século XVIII, uma tendência normativa ao feminino, uma tentativa de fixar o gênero da palavra através de uma imposição gramatical. Além disso, é evidente que a escolha da valorização do feminino nesse caso não leva em consideração a relação terminação-gênero.

Em gramáticas mais recentes, o gênero hesitante é abordado, ainda que em algumas delas a tendência para o feminino, no caso de *cal*, esteja presente. Rocha Lima (1973, p. 70-71), por exemplo, constata a existência de substantivos de gênero vacilante e menciona *acauã*, *faringe*, *inambu*, *personagem*, *pijama*, *preá* e *víspera* como exemplos, todas palavras dotadas da noção de gênero puramente morfológico, talvez salvo *personagem*. Em seguida, ele cita outros casos de oscilação, os quais são divididos de acordo com o gênero que é recomendado, em que o item *cal* surge na lista dos femininos. Essa recomendação revela uma tentativa normativa de fixação de gênero, porém não é apresentada nenhuma justificativa para a valorização do feminino em relação ao masculino (ou vice-versa, em outros casos). Bechara (1980, p. 86-87), por sua vez, divide os vocábulos com gêneros que podem causar dúvidas em três grupos: (i) masculinos; (ii) femininos; (iii) indiferentemente masculinos ou femininos. Mais uma vez, a palavra *cal* figura dentro do rol de palavras femininas, ainda que o autor considere a existência de palavras que podem ser empregadas em qualquer um dos dois gêneros.

Assim, no presente, há duas perspectivas a respeito de *cal* (bem como de outros itens lexicais cujo gênero não está fixado): (i) tentar fixar o seu gênero, o que todavia parece não ter funcionado ao longo



da história, pelo menos não na tentativa de fixá-la como feminina; (ii) tomá-las como palavras de gênero hesitante, considerando o uso como importante para a continuidade e de qualquer língua viva, conforme observa Gouveia (2005, p. 540).

### Considerações finais

Neste artigo, vimos que a oscilação de gênero da palavra *cal* sempre esteve presente e, ainda que tenham ocorrido esforços de gramáticos para normatizar o uso, valorizando o feminino – seja durante o latim clássico, seja durante o século XVIII –, o vocábulo analisado continua a ser empregado no masculino até os dias atuais.

Além disso, é possível que a influência do enorme paradigma de substantivos masculinos terminados em *-l* em língua portuguesa contribua para que o falante opte pelo uso no masculino com frequência ou fique em dúvida sobre o gênero do item *cal*. Para Maurer Jr. (1959, p. 81–82), a maior inovação do latim vulgar teria sido a distribuição mais regular do gênero gramatical conforme a terminação do vocábulo. Assim, a terminação influencia o gênero das palavras desde muito tempo e, em casos como o analisado, o uso corriqueiro pode entrar em conflito com a imposição normativa, contribuindo para a manutenção do fenômeno de vacilação de gênero.

### Referências

ANLLO, Xosé María Carballeira (coord.). **Gran Dicionario Xerais da Lingua**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2009.

ARGOTE, Jeronymo Contador de. **Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina**. Lisboa: Officina da Musica, 1725.

BAILLY, Anatole. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 1950.

BARBOZA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza**. Lisboa: Typografia da Academia das Sciencias, 1822.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 25. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

COROMINAS, Joan. **Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1954.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Illustré Latin-Français**. Paris: Hachette, 1934.

GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e. A categoria gramatical de gênero do português antigo ao português actual. In: RIO-TORTO, Graça Maria;

FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Maria de Fátima Henriques da (ed.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto: FLUP, 2005. p. 527-544. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13383>. Acesso em: 10 set. 2021.

LEONI, Francisco Evaristo. **Genio da lingua portugueza, ou causas racionais e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinos e vulgares**. 2. ed. Lisboa: Typografia do Panorama, 1858.

LOBATO, Antonio José dos Reis. **Arte da grammatica da lingua portugueza**. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.

MARTÍ, Joan Carreras i (ed.). **Diccionari de la Llengua Catalana**. 3. ed. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1993.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Caracterização do gênero do substantivo. **Cadernos de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 19, p. 27-36, 1994.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SAID ALI, Manuel. **Grammatica secundaria da lingua portugueza**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1923.

SAID ALI, Manuel. **Grammatica historica da lingua portugueza**. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931.

SOUZA, Manoel Dias de. **Gramatica portugueza**. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1804.

TRANSTAGANO, Anthony Vieyra. **A new Portuguese grammar in four parts**. Londres: J. Nourse, 1768.

VIARO, Mário Eduardo. Onde se encontra a morfologia no signo linguístico? Where is morphology in linguistic sign? **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 61, p. 11-29, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28109/19115>. Acesso em: 2 fev. 2022.